

“A revolução será feminista ou não será!”

Organizar este Dossiê foi como nos juntarmos a tantas mulheres em dia de ato, marchas ou mobilizações organizadas por entidades feministas para ocupar as ruas das cidades, cantando músicas/protestos em uníssono que ecoam pelas esquinas e edifícios, acompanhadas pelo ritmo da batucada, tendo nos nossos corpos e cartazes levantados acima da cabeça inscrições e reivindicações por direitos tão óbvios. “Meu corpo, minhas regras”; “tire seu rosário do meu ovário”; “meu corpo não é um convite”; “mexeu com uma, mexeu com todas”; “útero laico”; “o machismo mata todos os dias”, “ni una menos; “ni una más”... são palavras de ordem que - infelizmente - se atualizam nos levantes da Marcha das Vadias (*Slut Walk*), no 8M – Dia Internacional das Mulheres, na Marcha das Margaridas, no dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres, no dia de Luta pela Descriminalização e Legalização do Aborto e tantos outros encontros que nos juntamos em coro na tentativa de mudar esse mundo de violências.

Organizar este Dossiê também foi ter a certeza concreta de como muitos activismos feministas têm atravessado as ruas e ocupado a academia. E foi nessa intersecção de trânsitos possíveis entre as lutas feministas, a criação artística e o ativismo que a Revista Científica de Artes/FAP recebeu a submissão de artigos, resenhas e entrevistas situados nas áreas de Artes Visuais, Artes do Vídeo, Cinema, Dança, Fotografia, Música, Performance e Teatro. Recebemos textos/manifestos resultados de processos de simbolizações e corporificações de memórias, testemunhos de situações de traumas e violências; de dominação do corpo/território, racismos, opressões e colonialidades; de invisibilidades e silenciamentos que geram violências de gênero, como forma de reflexão sobre o próprio fazer artístico envolto pelo tecido da reivindicação social. Pesquisadoras de diferentes lugares do Brasil colaboraram com esta edição. Cada uma - com suas especificidades, lutas e poéticas - tem demonstrado que:

a produção de conhecimento e saberes feministas, e suas articulações em diferentes áreas de conhecimento, podem e devem estar colados às pautas dos movimentos sociais em uma dinâmica

de retroalimentação e reciprocidade mútuas. A construção de saberes dá-se, nesse sentido, pela experiência dos modos de existir e suas subjetividades, nas lutas cotidianas contra os regimes regulatórios, quanto na elaboração de uma articulação crítica e produção de conhecimento acadêmicas. (FISCHER, 2018, p. 305)¹.

Assim, a reunião destes materiais recebidos foi mais do que a organização de uma revista. Foi mergulhar em manifestos, em defesas pelas existências e suas diversidades nos modos de ser, em pedidos por justiça, foi um grito de “Basta! Vivas nos queremos”. Foi a criação de uma irmandade, uma rede de nos coloca em contato com as nossas pesquisas, artes e projetos de dismantelamento das violências filhas diretas do patriarcado, dos racismos, das misoginias, das transfobias. Despatriarcar como um projeto de transformação. Despatriarcar como verbo que, como defende a ativista boliviana María Galindo, em seu livro *Feminismo Bastardo*, “é o que nós, feministas, queremos fazer e fazemos com a família, com a terra, com a comida, com o trabalho, com a arte, com o dia a dia, com o espaço, com a saúde, com o sexo (GALINDO, 2022, p. 50)². Em cada artigo somos convocadas com formas diferentes de ativismos, ações nas quais “o elemento estético existente contribui com a possibilidade de ruptura com o *status quo*, pois, assim, pode provocar diferentes formas de perceber o mundo, estimular sensibilidade e operar de outra forma, diferente da estabelecida cotidianamente” (MARTINS, 2022, p. 54)³. Enfim, tramamos aqui neste Dossiê, em muitas mãos, um modo de fazer e existir que reivindica uma sociedade mais justa e amorosa, por meio dos feminismos.

Seguindo a cultura da ocupação das ruas com as lutas feministas, intitulamos cada sessão com as palavras de ordem que encontramos nos atos. Recebemos uma

¹ FISCHER, Stela Regina. A crescente disseminação dos estudos feministas e suas contribuições na pesquisa em Artes Cênicas dos estudos feministas e suas contribuições para a criação de ações disruptivas institucionais. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 33, p. 296-310, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5965/1414573103332018296>

² Despatriarcar, así como verbo, es lo que queremos hacer y hacemos las feministas con la familia, con la tierra, con la comida, con el trabajo, con el arte, con la vida cotidiana, con el espacio, con la salud, con el sexo.” Tradução nossa. In GALINDO, María. **Feminismo Bastardo**. Isole / Mujeres Creando. Peru, 2022.

³ MARTINS, Lúcia Helena. **O ativismo da proximidade: implicações pedagógicas em práticas de performances artivistas**. 2022. 1 recurso on-line.. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Doutorado em Teatro, Florianópolis, 2022, p.311.. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00009b/00009b9c.pdf> . Acesso em 01 de dez. 2023.

carta - que abre a revista e nos dá a certeza que, sim, estamos em rede - demonstrando a importância das produções bibliográficas e publicações das mulheres na academia contra o androcentrismo e patriarcado institucionais. Na continuidade, destacamos a colaboração de pesquisadoras e artistas de outros países da Abya Yala que nos trazem um panorama de como esses saberes têm sido articulados em contextos não menos violentos e hostis como o nosso, afinal patriarcado e colonialismo são fios de um mesmo novelo. As lutas feministas, as artes e as pedagogias de si, como redes informais de transmissão de saberes, conjugam resistência e combate à violência de gênero e racismo, quer na rua, em presídios ou dentro de casa. Da performance ao desfile de samba, corpolíticos e corpoéticos fazem seus discursos de carne e osso, com a força da presença. Mulheridades múltiplas, diversas: bruxas, travestis, lésbicas, mães, escritoras, pintoras, cineastas, fotógrafas, musicistas fazendo das artes a afirmação radical do ato de criar. Cá estamos. E somos muitas...

Como as Moiras, filhas da noite que nos foi imposta por incontáveis anos de patriarcado, atravessamos os tempos guardando segredos de nossa revolução. Como Cloto, fiamos o fio, sem medo de espetar o dedo no fuso, pois aprendemos a renascer de todas as feridas, de todas as violências que nos foram perpetradas. Nenhuma lança nos assusta mais. Como Láquesis, tecemos as tramas de sororidade que nos fazem cada vez mais fortes. Aprendemos a tramar nossa revolta das mais diferentes formas, dissolvendo com nossos corpos as fronteiras entre o privado e o público, entre o lar e a praça pública, entre o pessoal e o político. Tramamos com a arte que sabe o poder da dimensão sensível e das imagens, tramamos com pedagogias, pois aprendemos com nossas mães e avós que é importante passar adiante nossos saberes. Tramamos com as artes e os activismos que colocam o cuidado pela vida, a Vida, enfim, como nossa grande bandeira no enfrentamento das necropolíticas dos regimes patriarcais, coloniais, capitalistas e neoliberais. Agora, evocamos Átropos, aquela que corta, que rompe o destino patriarcal e nos liberta para a invenção, para a criação de um novo mundo, onde sejam possíveis vários mundos. A revolução será feminista, ou não será.

**Juslaine Abreu Nogueira, Lúcia Helena Martins,
Stela Fischer e Verônica Fabrini**

Juslaine Abreu Nogueira é Doutora em Educação (UFPR), mestra em Letras (UEM), especialista em Literatura e Ensino (Unioeste) e graduada em Letras (Unioeste). Suas atividades estão voltadas para a área dos Estudos do Discurso e da Educação, perseguindo os temas: Experiência Estética, Formação, Produção de Subjetividades e Artes da Existência. É professora do Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CineAV) e do Bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Paraná/Unespar, onde também coordena o Centro de Educação em Direitos Humanos (CEDH) e integra o Núcleo de Educação para as Relações de Gênero (NERG). É pesquisadora e vice-líder do GILDA - Grupo Interdisciplinar em Linguagem, Diferença e Subjetivação (UFPR/CNPq). Também é pesquisadora do Grupo de Pesquisa Arte, Cultura e Subjetividades - GPACS (Unespar/CNPq).

Lúcia Helena Martins Performer, ativista, professora-artista, pesquisadora e diretora teatral. É professora do curso de Licenciatura em Teatro da UNESPAR, desde 2012. Doutora em Teatro (UDESC- SC), Mestre em Teorias Literárias - pesquisa em Teatro e Dramaturgia, Especialista em Literatura Dramática e Teatro e em Literatura Brasileira e História Nacional, é graduada em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas (FAP-PR). Membro do GT- Artes cênicas na Rua – ABRACE e da Rede Brasileira de Teatro de Rua. Pesquisa sobre "Artivismo da proximidade" e foi coordenadora do projeto de extensão de práticas de performances e intervenções (UNESPAR). Participa do "Laboratório coletivo MUANES Dançateatro: Performances Afro Ameríndias Brasileiras e Danças em Diásporas" (UFF/ CNPQ). É performer e fundadora do Salmonela Urbana Cia, coletivo que investiga performances, artivismo, intervenções e artes cênicas em espaços urbanos.

Stela Fischer é artista da cena, pesquisadora, professora, ativista feminista, mãe. Tem Pós-doutorado em Artes da Cena, pela Universidade Estadual de Campinas. Doutora em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo. Autora do livro "Processo Colaborativo e Experiências de Companhias Teatrais Brasileiras" (Hucitec). É professora no Curso de Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e colaboradora na Universidade Federal de Ouro Preto. Em 2018, sua tese de doutorado "Mulheres, performance e artivismo: a ressignificação dos discursos feministas na cena latino-americana" ganhou o Prêmio Capes de melhor tese em artes do Brasil. Artista criadora do Coletivo Rubro Obsceno (SP), agrupamento de mulheres artistas que aborda os feminismos nas artes da cena.

Verônica Fabrini é atriz, encenadora e professora do Depto. de Artes Cênicas da UNICAMP desde 1991. Bacharel em Artes Cênicas e mestre em Artes pela UNICAMP, doutora em Artes Cênicas pela USP e com Pós-Doc em Teatro e Filosofia na Universidade de Lisboa, tem como campo de investigação as artes do corpo e da alma, os processos de criação e estudos do imaginário, sob uma perspectiva feminista, decolonial e anarquista. Co-criadora dos Encontros Arcanos, evento acadêmico-artístico anual, dedicado aos estudos do imaginário e suas interfaces com as artes da cena, a antropologia e a psicologia profunda, foi diretora da Boa Companhia, grupo de investigação-criação com 25 anos ininterruptos de atuação (1992 a 2017) e ponto de Cultura entre 2009 e 2013. Atualmente dedica-se às práticas chekhovianas e à direção artística do Útero de Vênus, na cidade de Campinas, SP.